

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DO PROFETA
SOFONIAS



José Lopes da Silva

**ESTUDO BÍBLICO
DOCTRINA CATÓLICA**

.....

**LIVRO DO PROFETA
SOFONIAS**

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS

pixabay.com.br

pt.wikipedia.org

SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA SOFONIAS	5
O profeta e seu tempo.....	5
A OBRA.....	6
Estrutura e temática	6
Mensagem teológica	7
ESTUDO DO LIVRO DO PROFETA SOFONIAS.....	9
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	12

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA SOFONIAS

.....

O profeta e seu tempo

Sofonias, segundo a etimologia, pode ter dois sentidos: “Deus esconde” ou “Deus protege”. Não conhecemos quase nada da vida do profeta, mas sabemos que exerceu o seu ministério profético em Jerusalém quando Josias era o rei de Judá (1,1). O predecessor do estimado rei Josias fora Manassés (687-642 a.C.), tido por muitos como um dos piores reis da história de Israel. Segundo 2Rs 21,16, *Manassés derramou tanto sangue inocente que inundou Jerusalém de uma extremidade à outra, sem falar dos pecados com que tinha feito pecar Judá, levando-a a fazer o mal aos olhos do Senhor*. Vassalo dos assírios, Manassés chegou até mesmo a adorar os ídolos assírios. Por isso a tradição judaica considera-o como ímpio e apóstata do hebraísmo. Durante o seu reinado, cresceram de forma avassaladora a violência e a opressão. O descontentamento chegou ao ponto de destituírem seu sucessor, seu filho Amon, após dois breves anos de reinado (642-640, cf. 2Rs 21,19-26).

O sucessor de Amon foi o seu filho Josias (640-609 a.C.), o qual incluiu no seu programa de governo uma reforma de caráter religioso, mais que político, e militar também. A reforma religiosa foi fundada no javismo deuteronomístico, impulsionada pela descoberta (622 a.C.) do rolo da Lei (2Cr 34,14-21), que impeliu a renovação da aliança e a solene celebração da Páscoa (2Cr 34,29-35,18). No campo político, entretanto,

Josias cometeu uma única falta, mas que lhe custou a vida. Ao invés de consultar o profeta Sofonias, seu contemporâneo, consultou a profetiza Hulda, que o aconselhou a enfrentar o faraó Neco. Trata-se de um dos maiores erros de tática de guerra da história. Um rei de um país pequeno tenta impedir que o poderoso Neco passe por território israelita na sua expedição contra a Babilônia. Nessa empresa insensata, Josias perdeu a vida e Judá, após alguns anos de empolgação reformista, mergulhou na insegurança tanto política quanto bélica (2Cr 35,20-27).

A hipótese dos estudiosos é que Sofonias tenha exercido seu ministério profético nos primeiros anos do reino de Josias (cerca do ano 630 a.C.) e pode até ter sido um dos inspiradores da reforma. De fato, do livro do profeta se deduz que seu horizonte reduz-se à Judá e à cidade de Jerusalém, uma vez que as tribos do Norte não estavam sob o poder de Josias.

A OBRA

Estrutura e temática

A descrição da infidelidade do povo de Judá é acompanhada do anúncio do castigo mandado por Deus. Mesmo os povos em torno a Judá serão punidos por suas culpas. Todavia, a misericórdia de Deus salvará “um resto” composto por gente humilde que não foi contaminada com os pecados da idolatria. A salvação começará por Jerusalém, onde finalmente Deus reinará soberano.

Essas ideias desenvolvem-se segundo um esquema tripartite, próprio dos livros proféticos: ameaças contra Israel; ameaças contra os outros povos e promessa de salvação a Israel.

Primeira parte (1,2-2,3) - inicia com uma afirmação geral sobre o poder

de Deus (1,2-3). Segue a descrição das culpas dos habitantes de Jerusalém (1,4-13). No “dia do Senhor” todos os culpados serão punidos (1,14-18). Permanece o convite a não deixar passar a última possibilidade de salvação, refugiando-se no Senhor (2,1-3);

Segunda parte (2,4-3,8) - contém ameaças contra os povos estrangeiros e contra Jerusalém, considerada o centro da Terra. Por esse motivo, o profeta segue os pontos cardeais segundo esta ordem: ocidente (o país dos Filisteus 2,4-7); oriente (Moab, Amon, 2,8-11), sul (Etiópia); norte, Assur (2,13-15) para então concluir com a punição de Jerusalém (3,1-8);

Terceira parte (3,9-2) - apresenta a restauração que Deus cumprirá em benefício de todos os povos convertidos, junto aos judeus, pois a intervenção divina eliminará todo pecado e toda infidelidade (3,9-13). O centro do mundo será sempre Jerusalém, que gozará de paz pela presença de Deus que a protege de todos os males (3,14-20).

Mensagem teológica

Para Sofonias, e para a maioria dos profetas, o mal primeiro está na idolatria (1,4-6). É dela que derivam as transgressões da Lei (3,4), a violência do povo de Judá contra si mesmo e na relação com os outros povos (1,8-18; 2,8; 3,3-4), o orgulho (2,10.15; 3,11) e a falta de confiança em Deus (1,12; 3,2.7). A idolatria inverte o papel da religião: o homem, criatura, sobrepõe-se ao criador. Em vez de adorar quem lhe modelou, modela para si imagens, vícios, condutas morais, fazendo de si mesmo o maior dos “bezerros de ouro”.

Para escapar das consequências trágicas desse mal, nada resta senão percorrer o doloroso caminho da conversão e aceitar a própria debilidade. Diante de tanto pecado e incertezas sobre o futuro e da misericórdia infinita de um Deus apaixonado, só resta aos homens aceitar o convite

profético: *Silêncio diante do Senhor* (1,7). E no silêncio dedicar um tempo para repensar a sua história, tempo para cessar as palavras e se conter no sussurro. Como diz Santo Agostinho, é propriamente nisto que consiste a oração: “Orar trata-se mais de gemidos do que de palavras, mas de chorar do que de falar. Porque Ele põe nossas lágrimas diante de si (Sl 55,9), e nosso gemido não passa despercebido (Sl 37,9) àquele que tudo criou pela Palavra e não precisa das palavras humanas.”

O profeta caracteriza assim os *humildes da terra* (2,3) e também o povo humilde e modesto (3,12), contrapostos aos soberbos. Essa visão religiosa tem sua repercussão no próprio Novo Testamento. Jesus proclama *bem-aventurados os pobres diante do Senhor* e também *bem-aventurados os mansos* (Mt 5,3.5). Malgrado a sua pequenez, esse povo é convidado à alegria: *Solta gritos de alegria, filha de Sião! Solta gritos de júbilo, ó Israel!* (Sf 3,14). Essa exultação certamente não é por causa dos recursos humanos, mas sim do reconhecimento de que “o Senhor, teu Deus, está no meio de ti como herói Salvador!”

Outro tema teológico da pregação de Sofonias diz respeito ao *Dia do Senhor*, que o profeta anuncia para a história de Judá, mas também para a história das nações opressoras e para todos os pecadores da Terra. Esse tema é próprio dos profetas predecessores de Sofonias, especialmente Amós (Am 5,18-20) e Isaías (Is 2,6-22). Para todos esses profetas, o *Dia do Senhor* indica o tempo no qual Deus intervém para punir com particular força o povo hebraico e o povo pagão. Sofonias apresenta os oráculos que giram em torno do *Dia do Senhor* com uma terminologia dramática que abarca todo o criado: céu, terra, cosmo e a humanidade. É também nessa linha que depois se desenvolvem também os discursos escatológicos de Jesus.

ESTUDO DO LIVRO DO PROFETA SOFONIAS

.....

Título do livro (Sf 1,1). Como em toda a tradição profética, a Palavra a ser anunciada é a do Senhor. A apresentação deste profeta é única: só ele apresenta sua genealogia de uma maneira tão completa. Quer ressaltar que provém da nobreza? Há quem pense, devido ao nome do pai dele, que se trata de um etíope, também chamado “cuchita” no AT, proveniente, portanto, de um país do norte da África. Ao que parece, o profeta quer demonstrar seu profundo enraizamento javista e, por outro lado, sua origem estritamente judaica.

Destruição (Sf 1,2-6). O livro se abre com uma ameaça de destruição universal, tanto de homens como de animais que povoam a terra, o céu e o mar (vv.2s), que nos faz recordar Gn 6,13. Qual é a causa dessa decisão? O motivo aparente são os pecados de Judá e de Jerusalém, que têm como expressão a idolatria e os cultos animistas e astrológicos (v.5). Judá chegou ao ponto máximo de paganismo na época de Manassés (698-643 a.C.) quando se abriram as portas do reino para todo tipo de culto pagão. Jerusalém inundou-se desses cultos, de altares e de sacerdotes, o que reduziu ao sincretismo religioso: adoravam ao Senhor e ao mesmo tempo rendiam culto a Melcom (v.5), deus estrangeiro, amonita. A paciência do Senhor chegou a seu extremo: a única saída é a destruição.

Dias de ira (Sf 1,7-2,3). Com a solenidade correspondente, o profeta anuncia a chegada do *Dia do Senhor* (1,7); tudo está disposto como se

se tratasse de um ato religioso: banquete e purificação dos convidados. Mas esse *Dia do Senhor* não é para banquetear, e sim para julgar. Os primeiros a ser chamados a julgamento são os príncipes reais e os que contaminaram Israel com costumes estrangeiros (1,8); seguem-nos os que profanaram a casa do Senhor com todo tipo de comércio religioso, que esconde corrupção, engano e violência (1,9). Finalmente, a intenção do Senhor é registrar cada local de Jerusalém para exterminar dele todos os que se revoltaram contra ele, guiados pela ideia de que *o Senhor não faz bem nem mal* (1,12). O castigo consiste em não poder desfrutar das riquezas que obtiveram, nem das que poderão obter no futuro. 1,14-2,3 descreve como será esse *Dia do Senhor*. Todavia, o profeta considera que, apesar de sua chegada ser iminente, ainda existe tempo para a conversão. O chamado concentra-se nos humildes, naqueles que em meio a tudo são capazes de reconhecer que não são as riquezas, nem o ouro, nem a prata que os poderão salvar (1,18), mas única e exclusivamente o amor misericordioso do Senhor (2,3).

Contra as nações (Sf 2,4-15). Antes de pronunciar o castigo definitivo sobre Judá e Jerusalém, o profeta descreve o castigo previsto para as nações vizinhas: não restará nada de nenhuma delas. Nem mesmo Nínive, que se sentia como a invencível, escapará da passagem desoladora do *Dia do Senhor*. Note-se a intenção de descrever o castigo universal referindo-se aos povos dos quatro pontos cardeais, Moab e Amon, a leste; Filisteia, ao oeste; Assíria, ao norte; Etiópia, ao sul. O v.11 deixa entrever a possibilidade da conversão dos pagãos ao Deus de Israel.

Julgamento de Jerusalém (Sf 3,1-8). A intenção do oráculo contra as nações de Sf 2,4-15 era fazer Judá entender que a ela poderia também acontecer o mesmo; não obstante, não mostrou ter entendido, não escarmentou (v.1), entregue como estava a toda espécie de delitos e

pecados, desde os príncipes e dirigentes até seus profetas e sacerdotes (v.3). Como não escarmentaram com o castigo infligido às demais nações (v. 6s), agora o Senhor acusará e castigará seu povo como o restante (v.8). A menção no v.3 dos príncipes faz pensar no período em que governou em Jerusalém uma junta régia, visto que Josias era apenas uma criança quando herdou o trono; por isso supõe-se que Sofonias exerceu seu ministério profético no tempo de Josias, embora não propriamente em seu reinado.

Restauração (Sf 3,9-20). Da ameaça de destruição universal passa-se rapidamente à promessa de salvação. O castigo, portanto, não é de destruição total, mas sim de remissão purificatória. Os vv.9s anunciam a purificação universal que logo se concretiza na salvação centralizada em Jerusalém, lugar para onde virão todos os adoradores do Senhor para apresentar suas oferendas. Vão fazê-lo sem nenhuma vergonha pelos delitos passados, porque o Senhor terá arrancado de cada um sua soberba (v.11). A outra imagem que Jerusalém começará a mostrar está fundada sobre o pequeno resto fiel, com o qual o Senhor começará a cumprir suas promessas (vv.12s). Esse resto, também chamado povo pobre e humilde, é a antítese do povo descrito em 3,3s. Este sim tornará possível a inauguração de uma nova época marcada por justiça, paz, tranquilidade e alegria de seus habitantes. No meio deles estará o Senhor, como bom-pastor que procura e reúne novamente seu rebanho (v.19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA ANOTADA - Editora Mundo Cristão, 1991

A BÍBLIA DE JERUSALÉM - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DO PEREGRINO - Editora Paulus, 2000

BÍBLIA DOS CAPUCHINHOS - Editora Difusora Bíblica, 1998

BÍBLIA FÁCIL - Centro Bíblico Católico, 2001

BONORA, Antonio *et al.* *Vademecum para o Estudo da Bíblia*. Edições Paulinas, 2000

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Metodologia de Exegese Bíblica*. Edições Paulinas, 2000

DRANE, John *et al.* *Atlas da Bíblia*. Editora Paulus, 2004

SESBOÛE, Bernard *et al.* *História dos Dogmas*. Editora Loyola, 2005.